

EU VOU TE CONTAR UMA HISTÓRIA... MEMÓRIAS DA PETECA EM BELO HORIZONTE (1940-1980)

Ana Paula Guimarães Almeida
Gabriela Fischer Fernandes Corradi
Renato Machado dos Santos
Meily Assbú Linhales

Resumo

Este estudo aborda a memória oral de praticantes da Peteca em Belo Horizonte, no período entre 1945 e 1980. Trata-se de um dos eixos temáticos de um projeto maior: “Eu vou te contar uma história... Memórias de Esportes e Ruas de Recreio”. Adotando a história oral como abordagem metodológica construímos um processo de investigação com praticantes da peteca, que ao nos apresentar suas visões singulares desse jogo/esporte tipicamente mineiro, nos ajudam a construir um registro histórico dessa prática cultural, de suas características agregadoras e estritamente vinculadas às escolhas de lazer dos belo-horizontinos.

Palavras-chave: Esporte, Peteca, História Oral.

Abstract

This paper deals with the oral memory of Peteca (Brazilian shuttlecock sport/game) players in Belo Horizonte from 1945 to 1980. Actually, it belongs to a theme axiom from a greater project: “I’ll tell you a story...Memories of Sports and Recreation Streets”. Taking the spoken story as a methodological approach we can build on an investigation process with Peteca players. This process helps us build a historic record of such cultural practice, its aggregative features and strictly connected to leisure choices from Belo Horizonte dwellers. Moreover, it shows their particular views of this typically sport/game from the state of Minas Gerais.

Key words: Sport, Peteca, Oral history.

Resumen

Este estudio aborda la memoria oral de practicantes de Peteca en Belo Horizonte/MG/Brasil, durante el período comprendido entre 1945 y 1980. Se trata de uno de los ejes temáticos de un proyecto más amplio. “Voy a contarte una historia... Memorias de deportes y Calles para Ocio/Recreación”. Adoptando la historia oral como abordaje metodológico, construimos un proceso de investigación con practicantes de Peteca, los que al presentarnos sus singulares visiones de este juego típicamente “mineiro”, nos ayudan en la construcción del registro histórico de esta práctica cultural, de sus características congregadoras y estrictamente vinculadas a las elecciones ocio-recreativas de los belo-horizontinos.

Palabras-llave: Deporte, Peteca, Historia Oral

Introdução

O projeto intitulado *Eu vou te contar uma história... Memórias de Esportes e Ruas de Recreio (1940-1970)* constitui-se como parte integrante das ações em curso no Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF) sediado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e teve início em agosto de 2008. Trata-se de um estudo fomentado pelo Programa Rede Cedex do Ministério do Esporte

Esse projeto pretende pesquisar, indagar e preservar a memória oral relativa às ruas de recreio e ao esporte realizados em Belo Horizonte e em outras cidades mineiras. Essas reminiscências de atletas e também de pessoas comuns, participantes dessas práticas, merecem ser recordadas, contadas e registradas. São temas e sujeitos que aguardam silenciosamente um lugar de expressão para seus depoimentos, seus testemunhos.

O trabalho está organizado como uma ação interdisciplinar na qual a história oral, por meio da “escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências” (Thompson, 2002), constitui uma experiência de pesquisa capaz de trazer ao CEMEF tanto os sujeitos interessados em produzir essas memórias como aqueles que dela poderão usufruir para qualificar sua ação pedagógica e investigativa no tempo presente.

Como nas demais ações em curso no CEMEF, uma referência norteadora nesse projeto é a convicção de que preservar a memória e escutar o passado são formas de refletir o presente, buscando compreendê-lo nas tensões e contradições que o constituíram. Como afirma Walter Benjamin (1994), é necessário “escovar a história a contrapelo”, de modo a fazer falar aquelas vozes adormecidas ou silenciadas pelo tempo, permitindo assim que novas versões do passado venham apresentar suas justificativas. Não por serem soberanas dos processos históricos, mas porque não devemos tratar a história sem conhecer e re-conhecer os seus protagonistas.

Para o início do projeto foram estabelecidos 02 eixos temáticos específicos, escolhidos dentro de uma variedade de assuntos, fomentada pelo próprio processo de ordenamento de acervos hoje em curso no CEMEF. Documentos que nos remetem aos sujeitos, aos fatos e também às lacunas que acenam e ajudam a trilhar novas possibilidades de investigação.

O primeiro eixo aborda a temática do Esporte e, de modo mais específico, a memória oral da Peteca e do Futebol de Salão em Belo Horizonte, com foco dirigido aos praticantes e organizadores das modalidades. O segundo eixo temático aborda as Ruas de Recreio difundidas pelas cidades mineiras como atividades de cunho recreacionista e de organização dos divertimentos populares.

Demarcados os eixos temáticos, o propósito é identificar os vários sujeitos destas experiências culturais, trazendo-os para atividades coletivas de produção da memória.

No processo de preparação do grupo de pesquisa priorizamos o estudo de autores da História Oral. Paul Thompson (1992, 2002) ajudou a compreender melhor a complexidade e os múltiplos sentidos presentes no momento de uma entrevista, incluindo detalhes e problematizações relativas aos procedimentos. Também os escritos de Danièle Voldman (2002) trouxeram informações sobre a importância da fonte oral e dos testemunhos. Foram feitas, ainda, leituras de Pierre Bourdieu (2002) que ao analisar os estudos biográficos corrobora a idéia de que o relato histórico não deve ser analisado cronologicamente, já que a própria vida não é linear.

Além dessas leituras, convidamos a Prof^a. Dr^a. Maria Eliza Linhares e Borges, Coordenadora do Programa de história oral FAFICH/UFMG para um momento de

formação de produção das balizas necessárias ao grupo para o início do trabalho de pesquisa. Neste curso, foram tratadas questões relativas à oralidade e aos métodos de pesquisa, bem como as muitas peculiaridades relativas aos elementos técnicos, tais como as gravações, transcrições e modos de ordenamento e catalogação dos depoimentos.

Neste trabalho abordaremos de forma mais específica o tema relativo à prática da Peteca, em Belo Horizonte, com uma periodicidade recortada entre a década de 1940, quando foram iniciados os primeiros jogos com regras, e a década de 1980, momento de culminância da popularização desse jogo na cidade.

Vestígios da peteca encontrados em fontes escritas

Iniciamos o levantamento de fontes documentais que indiciassem a presença da peteca como prática recreativa e esportiva, tanto em Minas Gerais como em outras regiões do Brasil. O acervo do CEMEF foi escolhido como principal referência, mas outras fontes foram também acessadas na Hemeroteca Municipal e em outros estudos já realizados acerca desta modalidade de jogo.

Embora o recorte temporal previsto para a pesquisa tenha início somente na década de 1940, para começar a garimpagem das fontes escritas sentimos a necessidade de recuar a 1920, pois, segundo Holanda Loyola (s/d), durante as Olimpíadas da Antuérpia, na Finlândia, os nadadores brasileiros, com o intuito de se protegerem do frio começaram a jogar a Peteca antes de suas competições. Nesse momento a prática da peteca era apenas um jogo e não possuía qualquer tipo de regras. O autor registra que a atividade dos brasileiros despertou interesse de atletas e dirigentes esportivos de outros países e que tal fato motivou o chefe da delegação brasileira, Dr. José Maria Castello Branco, a sistematizar regras para a prática da peteca. Esse primeiro esboço de sistematização possibilitou que o novo jogo ficasse conhecido e passasse a ser praticado em vários países europeus, como Finlândia, França e Itália.

Essa mesma versão para a origem do esporte peteca foi relatada mais tarde no primeiro periódico científico editado no Brasil a *Revista Educação Physica*, em volume publicado em 1937. Nessa versão há menções ao nome do Dr. José Maria Castello Branco e também uma descrição detalhada de algumas regras tais como: as dimensões da quadra, que deveriam ser de 43m de comprimento por 20m de largura; a base da peteca que deveria ser de pelica, couro ou outro material semelhante e deveria pesar em torno de 75g; a composição das “turmas” que deveriam ser de cinco jogadores; e o estabelecimento de que as partidas deveriam ser de 30 pontos. Como veremos mais adiante, tais regras foram significativamente modificadas no processo cultural de delineamento da prática da peteca como um jogo esportivo.

Além dessas fontes primárias, também analisamos alguns estudos já realizados sobre a peteca. Como fontes secundárias de produção mais recente, essas obras nos ajudaram no estabelecimento dos planos de entrevista e também no processo de seleção dos potenciais depoentes. O livro de Cícero Cerqueira Pereira Júnior, intitulado “*Peteca: Esporte ou Recreação?*” e publicado pela primeira vez em 1975, traz inúmeras caracterizações da peteca como um esporte e como um jogo informal, ressaltando sua capacidade de integrar pessoas dos mais diversos perfis sociais. Nesse livro, o autor apresenta as regras do esporte que foram elaboradas por Raul Gomes quando ocupou o cargo de presidente da Federação dos Clubes do Estado de Minas Gerais (FECEMG)¹.

¹ Há indícios de que essas regras tenham sido modificadas por Raul Gomes a partir daquelas que foram descritas na *Revista Educação Physica* (1937, n 12), pois existe muita similaridade entre elas.

Nesse novo ordenamento, as dimensões prescritas para a quadra são de 15m por 7,5m para o jogo de duplas e de 15m por 4m para o jogo de simples; a base da peteca deveria ser de borracha e pesar cerca de 50g; só haveria jogos de dupla e/ou individuais; as partidas deveriam ser de 20 pontos com vantagem de dois pontos para o vencedor e seriam disputadas em três séries. Além dessas regras foram criadas inúmeras outras que se referiam ao uniforme dos jogadores, às funções dos juízes, às dimensões da rede, etc.

Todavia, na continuidade de seus argumentos, Cícero Cerqueira Pereira Júnior parece modificar essas regras, aumentando as dimensões da quadra, que passariam a ser de 16m por 8m para jogo de duplas e 16m por 4m para jogo de simples; ampliando as funções dos juízes; modificando as dimensões da peteca, embora seu material constituinte e peso permanecessem os mesmos; e ainda, alterando a quantidade de partidas por jogo, que passaria a ser de duas séries e não mais de três como previsto anteriormente pela FECEMG. Foram acrescentadas outras regras que diziam respeito às técnicas do jogo e às funções dos juízes, à forma como os jogadores deveriam se apresentar para a partida, entre outras.

Nessa obra, além das alterações nas regras e outras peculiaridades do esporte, encontram-se desenhos das quadras e dos gestos considerados oficiais para os juízes, bem como algumas dicas acerca do esporte. O autor destaca também, uma série de nomes de jogadores mais antigos, dentre eles Nilton Amantéa e Enéas Nóbrega de Assis Fonseca. Este último, já falecido, é considerado o primeiro jogador de peteca de Belo Horizonte, pois trouxera do Rio de Janeiro, no início dos anos 1940, uma peteca que era usada em jogos coletivos no Iate Golf Club, atual Iate Tênis Clube.

Outra produção também analisada foi um estudo apresentado em 1997, por Marilita Rodrigues, durante o IX Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Intitulado “*Trilhas históricas da Peteca mineira: brinquedo, jogo ou esporte?*” o artigo traz depoimentos orais dos dois jogadores referidos anteriormente e, por meio desses testemunhos a autora confirma que a prática sistemática da peteca teve início por esforços de alguns remadores do Iate Golf Club. Analisa também as gradativas mudanças na forma de jogo, provocadas por alterações no objeto peteca, na rede, na quadra e até mesmo nas regras. Assim, da forma como apresenta os argumentos, o texto sinaliza como essa prática passa de brincadeira a esporte sistematizado.

Neste artigo foram encontradas diversas informações sobre o Minas Tênis Clube (MTC), que é apresentado pela autora como um dos lugares de disseminação da peteca como prática esportiva em Belo Horizonte nas décadas de 1940 e 1950. Nesse período ocorreu um significativo aumento do número de freqüentadores do MTC devido à reforma no Iate Golf Club, em decorrência de uma queda da barragem da Lagoa da Pampulha.

Marilita Rodrigues confirma que as primeiras regras criadas para a peteca foram sistematizadas por Raul Gomes no início da década de 1970. Sobre ele, informa que era diretor da Associação Cristã de Moços (ACM) de Belo Horizonte e que foi o primeiro presidente da FECEMG. Essas regras, conta a autora, foram modificadas mais tarde por Pereira Júnior, como vimos anteriormente, e segundo ela essa foi uma contribuição muito importante para a esportivização dessa prática.

Outro passo importante dado com relação ao levantamento de fontes foi a visita à Hemeroteca de Belo Horizonte, onde foi constatada a pouca presença de materiais acerca do esporte em questão, o que já é um fato instigante. Entretanto, dentro dessa pouca presença encontramos no Jornal de Casa, do período de 07 a 13 de setembro de 1980, uma entrevista com o então diretor da Construtora Andrade Gutierrez, o Sr. Eduardo Borges de Andrade, companheiro de peteca de Mário Marcos Procópio. Na

entrevista ele conta ao jornal sobre a peteca, afirmando que é um esporte de boa prática pois, além de não exigir muita habilidade ou treinamento e ser de fácil acesso, pode trazer diversos benefícios à saúde. Em seu depoimento, cita a Casa Ranieri, a Loja do Tostão e a Superball como casas do comércio esportivo que contribuíram na promoção do esporte por venderem petecas e redes produzidas dentro das especificações consideradas “oficiais”.

Cabe afirmar aqui que a pouca exigência de habilidade e treinamento trazida em questão por Eduardo Borges é hoje colocada em debate pelo incremento da prática, uma vez que o esporte já mostra tendências ao alto nível de rendimento. Eduardo Borges de Andrade e Mário Marcos Procópio lançam, nesse mesmo ano de 1980, um livro intitulado *O Jogo da Peteca: Mantenha sua forma física divertindo-se*, onde descrevem algumas qualidades que acreditam existir na prática da atividade física e especificamente da Peteca.

Os praticantes da Peteca em Belo Horizonte e suas versões para essa história

A partir do embasamento teórico e da análise das fontes já sistematizadas sobre o jogo de peteca foi elaborado o roteiro para a primeira entrevista com o atual vice-presidente da Federação Mineira de Peteca (FEMPE), o Sr. Inimá Rodrigues de Sousa². Em sua narrativa, o entrevistado forneceu valiosas informações acerca da prática desse esporte em Belo Horizonte. Afirmou que enquanto estava na presidência da FEMPE, por volta de 1973, ele e seus assistentes promoveram mudanças nos critérios para disputar os eventos e torneios, alterando o perfil do jogo e disseminando a peteca em outras cidades mineiras como Uberlândia, Uberaba e Governador Valadares. Inimá afirma ter sido o responsável pela criação de um primeiro jornal de peteca, com o intuito de mostrar propostas que desenvolvessem o esporte.

Outro dado relevante apresentado pelo depoente está ligado ao Campo do Lazer, espaço público administrado pela prefeitura de Belo Horizonte em região nobre da cidade. Este local funcionou de 1982 até o início da década de 1990, como um espaço de lazer de grande importância para a prática e a divulgação da peteca na capital mineira. Segundo ele, freqüentavam o espaço pessoas de locais e contextos sociais diversos, o que permite compreender que houve, a partir do Campo do Lazer, uma ampla disseminação do esporte em vários pontos da cidade. Todavia, esse espaço público de práticas de esporte e lazer foi, nos anos 90 desativado, com a construção no local de um sofisticado Shopping Center.

Comentando sobre a disseminação da prática da peteca, o entrevistado também fez menção aos diversos clubes e associações distribuídas nos mais variados locais da cidade, como por exemplo, a ACM e o Minas Tênis Clube na região Centro-Sul, o Pampulha Iate Clube e o Jaraguá Country Clube na região da Pampulha e o Oásis Clube na região Leste.

Inimá Rodrigues relata ainda uma série de nomes que fizeram ou que ainda fazem parte da história da peteca. Esses personagens são por ele anunciados por seus apelidos e primeiros nomes, dando a ver os vínculos de companheirismo construídos pela prática. São eles: Decinho, Tônico, Botinha, Toninho Bailarino, Vera, Íris e Elaine. Segundo ele, esta última era uma das mais “estilosas petequeiras”! Todos esses nomes tornaram-se para a pesquisa importantes referências na busca de futuros entrevistados.

² Essa entrevista foi realizada no dia 22 de dezembro de 2008, às 18:00h no Olímpico Clube. Estavam presentes Renato Machado, Ana Paula Guimarães e Gabriela Fischer.

Em fevereiro de 2009 foi realizada uma segunda entrevista³, dessa vez com o Sr. Ronaldo Inácio Medeiros, árbitro de peteca. Em seu depoimento, Ronaldo Inácio demonstra acreditar que Minas Gerais tenha sido pioneira na prática “esportiva” da peteca, mas evidencia que a peteca já existia como prática “recreativa” entre as crianças em diversos lugares, desde muito tempo. Ele informa também sobre o primeiro curso de árbitros de peteca realizado em Minas Gerais, por volta de 1975, sob organização de Edgar Moreira da Silva, então presidente do Olympico Clube. Esse curso aconteceu na sede da FECEMG, entidade esportiva que, segundo Ronaldo, foi de extrema importância para o desenvolvimento da prática esportiva da peteca.

Uma relevante informação ulterior concedida pelo entrevistado foi a indicação de um novo depoente que até então não constava em nossa rede de nomes e informações. O nome sugerido foi o de Milton Henrique Bento Faria que em sua opinião atuou de maneira fundamental no processo de esportivização da peteca. Parece que Milton Henrique, na condição de presidente da FECEMG, foi quem organizou toda a documentação necessária para a regulamentação da peteca junto ao Conselho Nacional de Desportos (CND):

Milton Henrique Bento Faria montou toda a documentação, toda a estrutura, os clubes que praticavam, os comprovantes do pessoal que praticava nos clubes. Montou um dossiê, fez um ofício, mandou para o CND e, só bem tempos depois, quando outras pessoas já estavam [na federação], lá para o início da década de 80, é que saiu a regulamentação da peteca como esporte pelo CND.⁴

Finalizando a entrevista Ronaldo ainda se mantém em sua posição afirmando que não existe um criador para a peteca, mesmo tendo havido nomes que coordenaram ações e contribuições para a regulamentação da peteca e sua conseqüente esportivização.

Continuidades

Esse estudo, ainda em andamento, pretende contribuir na sustentação da memória relativa à popular prática da peteca em Belo Horizonte. Os depoimentos já concedidos e os previstos nos permitem afirmar a relevância da pesquisa, na medida em que a mesma confere voz e visibilidade a sujeitos até então silenciados em suas experiências. Ressalta-se que o processo de entrevistas tem estimulado os depoentes a disponibilizarem outros tipos de fontes tais como fotografias, documentos oficiais e objetos afeitos às suas vivências como “petequeiros”.

A partir do que já foi realizado é possível afirmar que, em Belo Horizonte, a prática da peteca com características esportivas teve início por volta de 1940, por meio dos esforços de remadores do Iate Golf Clube como Enéas Nóbrega, Nilton Amantéa e Outorgantino Magalhães Dias (o Tote), já falecido. Este último é apontado como o principal responsável pela fundação da FEMPE, em 1975 e, até muito tempo, foi o único fabricante, ainda que por meio artesanal, das petecas que eram utilizadas nas quadras. Verifica-se que embora praticada em Belo Horizonte desde antes de 1940 só foi instituída e legitimada como esporte após a criação da FEMPE. Com relação a este

³ Essa entrevista foi realizada em 20 de fevereiro de 2009, às 15:00h, no Clube dos Oficiais da Polícia Militar (COPM). Estavam presentes Renato Machado e Ana Paula Guimarães.

⁴ MEDEIROS. Depoimento Oral. 2009.

ponto, é possível afirmar que a cidade teve um papel de destaque, pois o sentido esportivo dado à prática guarda estreita relação com os jogos realizados entre os clubes pioneiros na capital mineira.

Para continuar a contar essa história, ainda é preciso ir ao encontro de vários outros sujeitos. A cada entrevista a lista de nomeações se expande por indicações dos depoentes. Portanto, foi elaborada uma planilha onde constam informações e indícios tais como nomes, locais, datas, referências documentais, etc.

O trabalho com a história oral envolve a construção coletiva de novas competências para o grupo de trabalho do CEMEF. No que diz respeito ao acervo do Centro, pretendemos constituir a Coleção Memória Oral que, com depoimentos registrados em áudio e vídeo, indicam novos formatos de fontes e documentos para a história e a memória. São novos desafios e, ao mesmo tempo, construção de novas possibilidades para a pesquisa histórica sobre o esporte. Reconhecer e legitimar a oralidade como documento de memória constitui estratégia fundamental para a realização de uma história contemporânea deste amplo e complexo fenômeno social.

Referências

ANDRADE, Eduardo Borges; PROCÓPIO, Mário Marcos. *O Jogo da Peteca: Mantenha sua forma física divertindo-se*. Belo Horizonte: Comunicação, 1980.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Obras escolhidas*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v 1, p. 222-232.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002.

LOYOLA, Holanda. *Pequenos Esportes*. São Paulo: Cia. Brasil Editora, s/data.

PEREIRA Jr., Cícero Cerqueira. *Peteca: Esporte ou Recreação?* 2 ed. Brasília: INDESP, 1996.

RODRIGUES, Marilita A. Arantes. Trilhas históricas da Peteca mineira: brinquedo, jogo ou esporte? In: WERNECK, Christianne L. G. (et. al.) *Coletânea do IX ENAREL - Encontro Nacional de Recreação e Lazer*. Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. História oral e contemporaneidade. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, n. 05, junho de 2002.

REVISTA Educação Physica. *Um Esporte Brasileiro A Peteca*. Rio de Janeiro: n. 12, 1937.

VOLDMAN, Danièle. A Invenção do Depoimento Oral. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 5 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2002.

Ana Paula Guimarães Almeida

Acadêmica do curso de Educação Física da UFMG e bolsista de Iniciação Científica do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer.

Gabriela Fischer Fernandes Corradi

Acadêmica do curso de Educação Física da UFMG e pesquisadora voluntária do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer.

Renato Machado dos Santos

Mestrando em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG e pesquisador do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer.

Meily Assbú Linhales

Professora do Departamento de Educação Física e Coordenadora do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

E-mails: anapaulag@ufmg.br
gabriela_angra@hotmail.com
macrenato@hotmail.com
meily_linhales@yahoo.com.br